

“A BELEZA DÓI”: OS EFEITOS DOS PADRÕES DE BELEZA HEGEMÔNICOS NA PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS/SC^I

"BEAUTY HURTS": THE EFFECTS OF HEGEMONIC BEAUTY STANDARDS IN THE PERCEPTION OF HIGH SCHOOL ADOLESCENTS FROM A PUBLIC SCHOOL IN FLORIANÓPOLIS/SC

Francine De La Vega Falcão^{II}
Fabiola Langaro^{III}

Resumo: A adolescência é um período marcado por intensas transformações na vida dos sujeitos, principalmente no que diz respeito às mudanças em seus corpos. Este processo acaba sendo impactado pelos padrões de beleza presentes na sociedade. A partir desse contexto, este estudo teve como objetivo compreender os efeitos dos padrões de beleza hegemônicos na subjetividade de adolescentes do ensino médio de uma escola pública de Florianópolis/SC. Participaram da pesquisa 7 alunos meninos e meninas. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de cunho exploratório. Como ferramenta para coleta de dados, foram realizadas oficinas e os dados foram registrados a partir de diários de campo. No total foram realizados 4 encontros de 45 minutos cada no pátio externo da escola, durante as oficinas foram realizados debates e atividades em grupo. Os dados coletados foram analisados e discutidos a partir da análise de conteúdo, sendo assim, foram definidas três categorias temáticas: (a) O Padrão de beleza hegemônico na percepção de adolescentes (b) Imagem corporal e padrões de beleza (c) Os Aspectos da Subjetividade de Adolescentes Impactados pelos Padrões de Beleza. Concluiu-se que este padrão tem causado diversos efeitos na vida de adolescentes, prejudicando sua saúde física e psicológica, além disso, foi possível perceber que há necessidade de trabalhar esta temática no contexto escolar tendo em vista que muitos sujeitos que estão inseridos nesses ambientes têm apresentado insatisfação com a sua imagem corporal.

Palavras-chave: Adolescentes, Padrões de Beleza, Imagem Corporal.

Abstract: Adolescence is a period marked by intense transformations in the subjects' life, especially with regard to changes in their bodies. This process ends up being impacted by the standards of beauty presents in the society. This study aimed to understand the effects of hegemonic beauty patterns on subjectivity of high school adolescents from a public school in Florianópolis/SC. Attended the research 7 students boys and girls. The research is characterized as qualitative, exploratory in nature. As a tool for data collection, workshops were performed and the data were recorded from field diaries. In total, 4 meetings of 45 minutes each that happened in the schoolyard, during the workshops debates and group activities were made. The data collected were analyzed and discussed from the content analysis, from three thematic categories were defined: (a) The Hegemonic Beauty Pattern from the perspeception of adolescents (b) Body image and beauty patterns (c) The Aspects of Subjectivity of Adolescents Impacted by Beauty Patterns. It was concluded that this pattern has caused several effects on adolescent's life, impairing their physical and psychological

^I Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2019

^{II} Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: francinedelavega@hotmail.com.

^{III} Doutora em Psicologia – UFSC. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

health, in addition, it was possible to realize that there is a need to work on this theme in the school context, considering that many subjects that are inserted in these environments have shown dissatisfaction with their body image.

Keywords: Adolescent, Beauty Standard, Body Image.

1. INTRODUÇÃO

Cada sociedade tem sua cultura e a partir da mesma criam-se padrões de beleza que passam a impactar a experiência do corpo e conseqüentemente a produção de subjetividades dos sujeitos. Cada uma dessas culturas tende a potencializar determinados atributos físicos e atenuar outros, fornecendo dessa forma uma referência para a constituição dos indivíduos (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2009). Os mesmos autores descrevem que as nossas características subjetivas, a nossa experiência relacional e os significados atribuídos ao corpo vem sendo moldados e modificadas ao longo da história pelos sujeitos e pelas relações vivenciadas pelos mesmos. Sendo assim, este corpo passa a ser visto como um componente importante para a mediação social. De acordo com Barbosa, Matos e Costa (2009, p. 32):

É através do nosso corpo que expressamos o efeito e significados que as relações tiveram ou têm em nós. A nossa existência corporal está imbuída num contexto, relacional e cultural, sendo este o canal pelo qual as nossas relações são construídas e vivenciadas.

Há também uma mudança no que diz respeito aos padrões de beleza, no decorrer da história diversas mudanças aconteceram nas culturas, os atributos físicos considerados belos foram sendo modificados ao longo do tempo (GOLDENBERG, 2006). De acordo com Freitas *et al* (2010, p. 392) “[...] o padrão de beleza corporal seria um conjunto de características que um corpo deveria apresentar para ser considerado como belo por um determinado grupo de indivíduos”. Os mesmos autores acrescentam que, de modo geral, a beleza pode se expressar de forma semelhante nas culturas, no entanto, as características estéticas consideradas belas por uma sociedade podem não ser percebidas da mesma forma por outra.

Nesse sentido, os padrões de beleza do Brasil vem sofrendo impactos da cultura europeia e norte americana. Os brasileiros tendem a imitar as características desses povos em diversos aspectos, desde utilizar os mesmos sapatos, cosméticos, até mesmo comportar-se de forma semelhante, passando a instituir em sua cultura um padrão baseado em modelos estrangeiros (GOLDENBERG, 2006). No padrão de beleza feminino a estética valorizada é a de mulheres magras, louras, altas, jovens, com nariz fino e pele clara (BITTENCOURT,

2013). Em contrapartida, encontra-se como ideal de beleza masculino um corpo volumoso e forte, geralmente adquirido nas academias (FONTES; BORELLI; CASOTTI, 2012).

Visto que os corpos são impactados pelos padrões de beleza e tendo em vista a importância do corpo na constituição do sujeito bem como nas suas relações, o presente estudo buscou compreender os efeitos dos padrões de beleza hegemônicos na subjetividade de adolescentes de Florianópolis, uma vez que é na adolescência que diversas características de personalidade se desenvolvem mais fortemente (CIAMPO; CIAMPO, 2010).

Há diversas conceituações a respeito do que é a adolescência. Em relação à definição desse termo levando em consideração o tempo cronológico, o Art. 2º da lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA considera adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade completos.

Nesse período uma série de mudanças acontece, a nível biológico, psicológico e social, que são importantes para a constituição do sujeito e o desenvolvimento da autonomia do mesmo (MARQUES *et al*, 2016). Além disso, a adolescência também é marcada por transformações intelectuais, afetivas, sociais e pulsionais. Mais do que uma fase, ela é um processo dinâmico de transição entre a infância e a vida adulta (FERREIRA; NELAS, 2006). Ainda sobre a adolescência Ferreira e Nelas (2006, p. 145) discorrem que:

É um período em que ocorrem grandes modificações físicas, psicológicas e sociais que afetam o indivíduo. É na adolescência que o indivíduo toma consciência das alterações que ocorrem no seu corpo, gerando um ciclo de desorganização e reorganização do sistema psíquico, diferente em cada sexo, mas com iguais complicações conflituosas inerentes à dificuldade de compreender a crise de identidade.

É na adolescência que as crenças, objetivos e desejos se organizam de forma mais impactante (CIAMPO; CIAMPO 2010). É nessa fase também que ocorrem intensas modificações no corpo do sujeito em relação às suas características físicas, bem como, as mudanças no tamanho do corpo, na cor e textura da pele, aumento do nariz e boca, desenvolvimento de pelos pubianos e mudança nos órgãos internos. Devido às mudanças físicas que ocorrem nesse momento da vida do sujeito, se faz necessário reformular a imagem corporal do mesmo, uma vez que as mudanças corporais impactam esse fenômeno (CAMPAGNA; SOUZA, 2006).

A autora Frota (2007) relata que comumente a adolescência é associada à puberdade, no entanto, a adolescência deve ser pensada além da puberdade, “a adolescência deve ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se re-constrói dentro de uma

história e tempo específicos Frota (2010 p. 154). Além disso de acordo com Amaral (2007 p. 04).

A puberdade, então, não é o mesmo do que adolescência, mas ocorre dentro da adolescência, e marca, organicamente, o início da preparação do sujeito para a procriação. A idade do início da puberdade também varia em função do sexo: nos meninos, ocorre em torno dos 12 aos 14 anos; nas meninas, entre os 10 e os 13 anos.

Os autores Ciampo e Ciampo (2010) compreendem, assim, que a forma como o adolescente percebe seu corpo é essencial na constituição da sua identidade, além disso, é importante compreender o fenômeno da imagem corporal, pois o mesmo implica no desenvolvimento desse sujeito.

De acordo com Smolak (2003, *apud* CIAMPO; CIAMPO 2010, p. 55):

Imagem corporal é um fenômeno polimorfo, modificável, que reflete desejos, atitudes emocionais e interação do indivíduo com outras pessoas. É a figuração do próprio corpo formada e estruturada na mente do indivíduo, ou seja, a maneira pela qual o corpo se apresenta.

Essa imagem corporal é para o sujeito a representação mental do próprio corpo. Desse modo, cabe fazer uma relação entre a influência dos padrões de beleza na constituição da imagem corporal, tendo em vista que os padrões impostos pela sociedade podem impactar a percepção que o adolescente tem de si (CAMPAGNA; SOUZA, 2006). Estes padrões, muitas vezes, podem ser responsáveis por gerar sentimentos de insatisfação com o corpo, além de pensamentos negativos em relação à aparência na adolescência, interferindo no bem-estar do sujeito e na sua qualidade de vida (CIAMPO; CIAMPO, 2010).

Bittencourt (2013) afirma que os adolescentes, ao se perceberem fora desses padrões, podem passar a entrar em conflito com as suas próprias identidades podendo em algumas vezes optar em modificar suas características. Goldenberg (2006, p. 120) para ilustrar esse cenário discute que “de 2002 a 2003 cresceu em 43% o número de jovens que se operam: 13% do total dos que fazem plástica são jovens de menos de 18 anos, fato que chamou atenção da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica”.

Esses dados são importantes para contribuir no debate da constituição da imagem corporal na adolescência, tendo em vista que esse período é marcado por mudanças biopsicossociais, ou seja, biológica, psicológica e social. Como as características físicas são passíveis de transformação, a imagem corporal também costuma ser modificada (CAMPAGNA; SOUZA, 2006).

A transformação da imagem corporal na adolescência pode ser um fenômeno conturbado para os adolescentes, pois convivem com a imposição dos padrões de beleza presentes na sociedade, além de, muitas vezes, não contarem com apoio para refletir e avaliar sobre o modo como esses padrões impactam na construção de sua relação com seu corpo e sua subjetividade. Dessa forma, surge uma preocupação, pois a mídia e conseqüentemente a sociedade impõem um modelo de beleza a ser seguido, fazendo com que os sujeitos passem a adotar estes padrões sem nem mesmo antes se questionarem, se identificarem com eles ou avaliarem se estes padrões são acessíveis (CAMPAGNA; SOUZA, 2006).

Esse padrão de beleza pode passar a regular a relação entre os adolescentes, possibilitando a exclusão dos sujeitos que não se encaixam no modelo de beleza vigente, tornando o corpo objeto de regulação social (LOPES; MENDONÇA, 2016). De acordo com Vilhena, Medeiros e Novaes (2005, p. 126):

A feiúra caracteriza, em um só tempo, uma ruptura estética e psíquica, da qual decorre a perda da autoestima. Vale lembrar que a dimensão ética é também rompida, pois deixar-se feia é interpretado como má conduta pessoal, podendo resultar na exclusão do grupo social. Portanto, mudar seu corpo é mudar sua vida e as intervenções estéticas decorrentes deste processo traduzem-se em gratificações sociais.

Diante desse contexto o sujeito pode passar a se preocupar com suas características físicas, pois há um padrão de beleza estipulado que propaga um ideal difícil de ser atingido, paralelamente a isso aparece a culpa por não conseguir alcançá-lo (DANTAS, 2011). Os sujeitos se submetem a sacrifícios para tentar se aproximar desse ideal acreditando que sua alegria, seus prazeres, seu bem-estar e a felicidade virão do mesmo. Além disso, os padrões de beleza podem trazer prejuízos para a vida social uma vez que “esse controle da aparência traduz-se não somente na atribuição de características estéticas, mas as investem de julgamentos morais e significados sociais.” (VILHENA, MEDEIROS E NOVAES 2005, p.137).

Dos danos psicológicos que os padrões de beleza podem gerar na vida dos sujeitos, Fernandes *et al* (2017) apontam que a depressão em adolescentes pode estar relacionada à insatisfação corporal, os mesmos autores discutem a relação entre adolescentes obesos e tendência para baixa autoestima. Este fato é preocupante, pois a depressão além de gerar sofrimento ao longo da adolescência tende a se estender à vida adulta. Dessa forma, os efeitos dos padrões de beleza passam a ser uma questão importante a ser debatida no campo da Psicologia (DANTAS, 2011).

Goldenberg (2006, p. 121) ainda afirma que:

Em Porto Alegre, coincidentemente uma das capitais de onde despontam as modelos brasileiras mais bem sucedidas internacionalmente, 13% de adolescentes do sexo feminino sofrem de anorexia ou de bulimia. Uma das causas da anorexia e da bulimia, segundo especialistas, é a “mania de emagrecer”. Por problemas psicológicos, mas também pressionadas pela sociedade, as adolescentes passam dos frequentes regimes alimentares a uma rejeição incontrolável pela comida e a fazer exercícios físicos de forma exagerada, tentando compensar a baixa autoestima.

Dessa forma, ao pensar em insatisfação corporal na adolescência e exclusão social decorrente dos padrões de beleza, cabe pensar na relevância dessa temática para a saúde pública, pois os sujeitos insatisfeitos com seus corpos passam a ir em busca de um ideal de beleza, optando em muitas vezes por procedimentos estéticos que podem, inclusive, trazer prejuízos à saúde física e psicológica (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2011). Além do mais, realizar essa pesquisa com adolescentes se fez importante já que segundo os autores Silva, Taquette e Coutinho (2014) há poucos estudos que possibilitam a compreensão do processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais para esse grupo, tendo em consideração que a maioria deles são relacionados a adultos e de natureza quantitativa.

Sendo assim, o objetivo geral que se pretendeu alcançar com o presente estudo foi o de compreender os efeitos dos padrões de beleza hegemônicos na subjetividade de adolescentes do ensino médio de uma escola pública de Florianópolis/SC. Para isso, elencaram-se três objetivos específicos, sendo estes: descrever os padrões de beleza hegemônicos na percepção dos adolescentes participantes, identificar a relação da imagem corporal de adolescentes participantes com os padrões de beleza hegemônicos e verificar aspectos da subjetividade que são impactados pelos padrões de beleza hegemônicos na percepção dos adolescentes participantes.

O método empregado a fim de atender aos objetivos da pesquisa está descrito e discutido na próxima sessão.

2. MÉTODO

O presente estudo é de natureza qualitativa, tendo em vista que o mesmo teve como foco conhecer as percepções dos participantes da pesquisa referente à situação-problema e objeto da investigação, neste caso, os efeitos dos padrões de beleza hegemônicos na subjetividade de adolescentes (MOTA; LEONEL, 2007). De acordo com Minayo (1996, p.

21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não deveria ser quantificado”. Quanto ao objetivo da pesquisa, esta é de cunho exploratório, uma vez que possibilita uma maior familiaridade com o objeto de estudo e possibilita iniciar um processo de investigação do fenômeno a ser estudado (MOTA; LEONEL 2007).

Quanto a técnica para coleta de dados, optou-se por realizar um grupo de oficinas. Segundo Spink, Menegon e Medrado (2014), as oficinas possibilitam trabalhar formas distintas de expressão, bem como as práticas discursivas, demonstrações artísticas, movimentos com o corpo e a própria fala. Nos encontros se tem a possibilidade de realizar reflexões em grupo, abrindo espaço para trocas potencializando as discussões. De acordo com Spink, Menegon e Medrado (2014, p.33):

[...] o objetivo da oficina não se limita ao registro de informações para fins de pesquisa, uma vez que sensibilizam as pessoas para a temática trabalhada, possibilitando aos seus participantes a negociação de sentidos variados, abrindo espaços para controvérsias e potencializando mudanças.

Desse modo, ofereceram aos participantes momentos de trocas, sensação de valorização de suas histórias de vida, de suas opiniões, bem como acolhimento promovido pela pesquisadora e pelo próprio grupo em relação às experiências compartilhadas.

O número de participantes indicado para as oficinas por Spink; Menegon, Medrado (2014) é de 5 a 12 pessoas e para a presente pesquisa os encontros foram compostos por um grupo de 7 adolescentes do ensino médio de uma escola pública de Florianópolis/SC.

O primeiro contato para a pesquisa foi feito com a escola a fim de apresentar o projeto e obter autorização para propor o estudo aos alunos. Posteriormente, foi solicitado à coordenadora pedagógica da instituição que indicasse uma turma para a coleta de dados. A partir disso, a seleção para participação da mesma se deu por adesão voluntária dos adolescentes. Todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento e só puderam participar das oficinas após entregarem os termos assinados pelos responsáveis.

A pesquisa foi composta por 2 meninos e 5 meninas, com idades de 14 a 16 anos. Estes participantes foram caracterizados conforme o Quadro 1. Os nomes apresentados são fictícios e foram escolhidos pelos próprios adolescentes.

Quadro 1- Caracterização dos participantes contendo o nome escolhido por cada um para ser chamado na pesquisa, idade, gênero (informado pelos mesmos) e série.

Caracterização dos participantes

Nome	Dani	Daniel	Zé Pequeno	Tokyo	Salvatore	Lubah	Katia
Idade	16 anos	16 anos	16 anos	14 anos	16 anos	15 anos	15 anos
Genero	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Serie	1º ano do Ensino Médio	1º ano do Ensino Médio	1º ano do Ensino Médio	1º ano do Ensino Médio	1º ano do Ensino Médio	1º ano do Ensino Médio	1º ano do Ensino Médio

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

Foi realizado um total de 4 encontros, que ocorreram duas vezes por semana no horário da aula de Sociologia, uma vez que a professora da disciplina relatou que os conteúdos trabalhados na pesquisa referente aos padrões de beleza poderiam ter relação com a sua aula, pois nela estavam discutindo sobre como os padrões de beleza surgiram a partir da história da sociedade e foram se modificando de acordo com as crenças e costumes de cada época. Dessa forma, no momento das oficinas os alunos participantes se retiravam das aulas regulares para realizar a oficina no pátio externo da escola e a professora ficava responsável pelos demais alunos na sala de aula. Cada encontro teve a duração de uma aula de 45 minutos. O registro de dados ocorreu por meio de um diário de campo realizado pela pesquisadora durante e ao final das oficinas, tendo em vista que de acordo com Azevedo e Carvalho (2009, p. 217), “[...] o diário de campo pode ser valioso. Seja ajudando a ter atenção focada no presente, a habitar certo território, a dissolver o ponto de vista do observador ou, seja funcionando como dispositivo, intervindo na realidade para conhecê-la”.

No primeiro encontro participaram 5 adolescentes, visto que nem todos levaram os termos de consentimento e assentimento assinados. Inicialmente foi realizada uma apresentação da pesquisa, dos participantes e realizado um contrato verbal assegurando sigilo e anonimato dos mesmos. Posteriormente foi solicitado aos participantes que escrevessem em um papel pardo tudo que pensavam quando ouviam o termo “padrões de beleza”.

O segundo encontro foi composto por 7 participantes e realizaram uma atividade de colagem, a proposta foi apresentar aos mesmos diversos recortes impressos e de revistas contendo pessoas com diferentes características físicas – mulheres, homens, crianças, cabelos loiros, castanhos, enrolados, lisos, pessoas carecas, brancas, negras, olhos azuis, verdes, castanhos, famílias, pessoas com deficiência física e pessoas com problemas de pele – os adolescentes dividiram um papel pardo em duas partes e deram dois títulos diferentes para cada uma, sendo um deles “O que está no padrão” e o outro “O que não está no padrão.”

No terceiro dia, havia 6 participante e foi proposto a eles que escrevessem em uma folha A4 as características físicas que eles gostavam neles mesmos, as que não gostam, o que

mudariam e se pudessem como mudariam. Ao final da atividade foi aberto um debate e discutido sobre as questões escritas no papel, bem como a influência dos padrões de beleza na concepção que eles tinham deles mesmos; além disso, foi falado também sobre situações em que os participantes já se sentiram fora do padrão.

No último encontro 5 participantes estavam presentes, era um dia em que estava tendo conselho de classe na escola e dois alunos haviam faltado a aula. Neste dia os participantes construíram um cartaz informando os efeitos do padrão de beleza, eles mesmos escolheram este título. A pesquisadora levou imagens impressas de pessoas felizes, tristes, com raiva, isoladas, fazendo academia esboçando felicidade, outras esboçando tristeza, pessoas se olhando no espelho e se percebendo diferentes da imagem sua imagem real, pessoas induzindo o vômito, imagem de fisiculturistas, pessoas internadas em um leito de hospital e pessoas comendo escondido. No cartaz os participantes escreveram legendas em todas as imagens informando o porquê de estarem coladas. Ao final do encontro foi feito um encerramento em forma de conversa em que os participantes expuseram sua opinião sobre as atividades realizadas nas oficinas e o que as mesmas o fizeram pensar sobre as questões relacionadas aos padrões de beleza e adolescência. Este material foi recolhido pela pesquisadora para compor os dados para análise.

A fim de organizar, analisar e interpretar os dados coletados na pesquisa foi realizado o procedimento de análise de conteúdo de Bardin (2011). Esta análise ocorreu a partir de três fases, sendo a primeira a pré-análise, a segunda a exploração do material e a terceira o tratamento dos resultados. Na pré-análise entrou-se em contato com todos os conteúdos obtidos a partir dos diários de campo e os materiais produzidos pelos participantes durante as oficinas, as informações obtidas foram divididas por temas para a organização dos dados. Na fase de exploração os dados foram codificados e separados em categorias, estas categorias agruparam dados que tinham características em comum. A terceira e última fase consistiu em tratar e interpretar os dados com base na fundamentação teórica a luz de autores da Psicologia, Medicina e Antropologia.

Cabe salientar que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, sob o parecer nº 3.479.929 de Agosto de 2019. Todos os participantes ficaram com uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e outra via do Termo de Assentimento assinados pela pesquisadora responsável.

3. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

A partir dos materiais coletados foi realizada uma análise dos dados por meio das seguintes categorias: O Padrão de Beleza Hegemônico, Imagem corporal e Padrões de beleza, e Os Aspectos da Subjetividade de Adolescentes Impactados pelos Padrões de Beleza, estas serão discutidas a seguir.

3.1 O Padrão de Beleza Hegemônico

Um dos objetivos que se pretendia alcançar a partir das oficinas era identificar por meio do relato dos participantes qual é o padrão de beleza hegemônico presente atualmente na sociedade. A partir das discussões a questão racial ficou evidente, em diversos momentos das oficinas os adolescentes apontaram que as pessoas negras não fazem parte do padrão de beleza, ainda, indicaram como pessoas fora do padrão as que possuem pele com manchas, cicatrizes, rugas e estrias, pessoas acima do peso, com cabelos encaracolados, olhos castanhos, idosos, pessoas “*magras demais*”, “*brancas demais*” e “*careca*”.

A questão racial apareceu de forma marcante em uma das atividades de colagem. Ao ser solicitado aos participantes que construíssem um cartaz com imagens de pessoas que não se enquadravam no padrão de beleza vigente, neste apareceram 11 figuras de pessoas e famílias negras de um total de 30 fotos coladas. Já no cartaz constituído por pessoas que iam ao encontro das características presentes no padrão de beleza havia 24 imagens coladas, todas eram de pessoas brancas. Durante a produção destes cartazes os participantes dialogavam e faziam brincadeiras. Zé pequeno colou a foto de um bebê negro no cartaz que indicara as pessoas que estão no padrão e falou que ele era “*fofinho*”, no entanto, Dani começou a questioná-lo e falou que na sociedade em que vivemos as pessoas negras não fazem parte do padrão de beleza, e que sendo assim, mesmo aquele bebê sendo “*fofinho*” não fazia parte do padrão de beleza hegemônico.

A foto de um homem negro acompanhada de uma legenda: “*nego gostoso*” colada no cartaz que indicava as pessoas que não estavam dentro do padrão também chamou atenção, dessa forma foi questionado ao grupo o porquê daquele homem mesmo sendo considerado “*gostoso*” estava fora do padrão, eis que surgiu como resposta: “*Porque ele é negro*” (Salvatore). Além disso, apareceram também imagens de mulheres negras com cabelos encaracolados e homens negros carecas, os mesmos foram apontados como pessoas fora do padrão tanto pelos seus cabelos – encaracolados e careca - quanto pela cor da pele.

Os dados coletados em todos os encontros revelaram que há uma desvalorização das características físicas de pessoas negras e uma valorização do padrão de beleza eurocêntrico, uma vez que os participantes apontaram que as pessoas que estão dentro do padrão são em sua maioria loiras, altas, magras, brancas, jovens, de olhos claros e cabelo liso. Estes dados vão ao encontro do que é discutido por Goldenberg (2006) a autora descreve que as características enaltecidas no padrão de beleza brasileiro são os corpos magros, muitas vezes moldados e esculpados em academia, com baixo índice de gordura, pessoas de alta estatura, loiras, jovens, cabelos lisos, nariz fino, pele branca e que possua atributos que remetam a uma aparência jovem.

Pode-se pensar também como um fator de influência para enaltecer esse padrão as relações de poder que as pessoas brancas ocupam na sociedade. Segundo Gomes (2002) desde o período da escravidão o corpo dos escravos era posto como objeto, muitas vezes mutilado e maltratado pelos senhores, desde então as características do corpo branco europeu surgiu como um padrão de beleza e está posto até os dias de hoje. Na perspectiva de Sovik (2002, p. 6), “ser branco exige pele clara, feições europeias, cabelo liso; ser branco é uma função social, implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade, permitindo trânsito, baixando barreiras”, em contrapartida, ser negro no Brasil inclui ter cabelos encaracolados, pele escura e um papel de subordinação que é ausente de respeito.

O tema velhice também apareceu nas oficinas. Os participantes apontaram as pessoas idosas como sujeitos fora do padrão, além disso, usaram adjetivos como “*velho*” e “*feio*” para caracterizá-las. Nesse sentido Teixeira (2001) destaca que há uma associação entre juventude e beleza, já a velhice é associada à ausência de beleza, uma vez que nessa fase da vida o corpo se modifica e acentua determinadas características que não são vistas como atraentes pela sociedade. Ramos (2009) também discute sobre a concepção da velhice, apontando que os idosos são percebidos de forma estereotipada pela sociedade, pois as mudanças corporais advindas da idade fragilizam o corpo do sujeito, o deixando mais frágeis, lentos e conseqüentemente necessitando de remédios, atribuindo uma associação entre velhice e doença. A autora até mesmo relata que “e num tempo de tantas descobertas biomédicas e tecnológicas, em que podemos ser permanentemente remodelados e recauchutados, não há espaço para o corpo velho, enrugado e estriado [...]” (RAMOS 2009, p. 249),

E não só o corpo estriado e enrugado é malvisto pela sociedade. O corpo que apresenta celulites, estrias, manchas de nascença e com sobrepeso também foi apontado pelos participantes como características que estão fora do padrão. As palavras para definir as pessoas que tinham estes atributos foram: “*gorda*”, “*flácida*”, “*com celulite*”, “*cintura*

larga” e *“gordinha”*. Nos dias atuais, fica cada vez mais evidente o fenômeno de supervalorização do corpo e a tentativa de ter uma pele livre dessas marcas, os sujeitos passaram a investir seu tempo e seu dinheiro para se aproximar desse padrão (TRINCA, 2008). Diferente da cultura europeia que exhibe as roupas como apetrecho principal Goldenberg (2006, p. 118) destaca que no Brasil “[...] é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda”.

Este corpo ao longo dos anos foi visto de diferentes formas e a maneira de se relacionar com o mesmo também se modificou. Ao que parece, é este corpo que possibilita a comunicação entre os sujeitos, sendo que nos dias atuais ele passou a ser objeto de investimento e meio para nos induzir a felicidade, uma vez que se vende a imagem de que um corpo belo pode levar o sujeito a experimentar sentimentos gratificantes (DANTAS, 2001). De acordo com Sant’anna (2001, *apud* DANTAS 2011, p. 904):

A boa forma passa a ser considerada uma espécie de melhor parte do indivíduo e que, por isso mesmo, tem o direito e o dever de passar por todos os lugares e experimentar diferentes acontecimentos. Mas aquilo que ainda não é boa forma e que o indivíduo considera "apenas" o seu corpo, torna-se uma espécie de mala por vezes incomodamente pesada, que ele necessita carregar, embora muitas vezes ele queira escondê-la, eliminá-la ou aposentá-la. Durante séculos o corpo foi considerado o espelho da alma. Agora ele é chamado a ocupar o seu lugar, mas sob a condição de se converter totalmente em boa forma.

A partir dos dados coletados e da literatura, compreende-se que o corpo é quem diz se o sujeito está apto ou não a participar da sociedade de modo legitimado pelos outros, assim sendo, cabe pensar na relação entre o padrão de beleza e a imagem corporal de adolescentes, tendo em vista o lugar social que o corpo assume na sociedade contemporânea.

3.2 A Imagem corporal e o Padrão de Beleza

A imagem corporal foi um tema trabalhado com os adolescentes ao longo das oficinas, contudo, essa temática foi delicada de se trabalhar com os participantes, pois os mesmos evitavam discutir sobre o assunto quando era relacionado à imagem corporal deles mesmos. Quando se falava sobre os impactos dos padrões de beleza nas suas vidas os adolescentes atalhavam as discussões, não davam continuidade nos diálogos e se dispersavam facilmente, desse modo, foi aberto um espaço para que pudessem escrever sobre a questão.

Foi possível perceber o fenômeno de insatisfação corporal presente na grande parte dos participantes da pesquisa a partir de uma atividade de escrita que consistia em escrever as características físicas que os adolescentes gostavam e as que não gostavam nos seus corpos, além disso, os participantes falaram sobre a vontade de modificar alguns atributos físicos e de que forma poderiam fazer isso.

A participante Lubah relatou que gosta do seu cabelo, da sobrancelha, boca, nariz, olhos e altura, porém, se pudesse mudar algo colocaria silicone, aumentaria e curvaria os cílios e gostaria de engordar um pouco, pois se considera uma pessoa magra demais. Dani, ao longo da oficina compartilhou com o grupo que não gosta do seu pé e da sua altura, se considera uma pessoa de baixa estatura, e se pudesse teria tomado hormônio injetável para poder auxiliar no processo de crescimento. Daniel referiu gostar das suas sobrancelhas, boca e olhos, porém, não gosta do seu nariz e tem vontade de fazer uma cirurgia plástica para modificá-lo. Salvatore mencionou que gostaria de fazer uma limpeza de pele para remover as suas espinhas. Zé pequeno não conseguiu falar e escrever sobre as suas características, Tokyo mencionou que gosta do seu cabelo, mas não gosta dos seus olhos, da sua altura, do sorriso e do corpo, a participante também relatou que gostaria de usar aparelho e que em um momento da sua vida já ficou 5 dias sem comer para poder emagrecer, ao final desse encontro disse que gostaria de alisar os cabelos com escova progressiva.

Para as autoras Campagna e Souza (2006, p. 11) a imagem corporal é definida como “[...] a representação mental do próprio corpo, o modo como ele é percebido pelo indivíduo. Compreende não só o que é percebido pelos sentidos, mas também as ideias e sentimentos referentes ao próprio corpo, em grande parte inconsciente”. Esse fenômeno se desenvolve ao longo da vida por meio da relação do sujeito consigo e com o outro, sendo um aspecto adquirido, estando em constante mudança e vivido de modo intenso na adolescência. Aerts *et al* (2011), inclusive, afirmam que a imagem corporal que cada sujeito tem é única e reflete a história e trajetória do mesmo.

Martins, Nunes e Noronha (2008, p. 95) complementam que:

A imagem corporal é um conceito multidimensional que compreende os processos fisiológicos, cognitivos, psicológicos, emocionais e sociais em constante troca mútua. Esses processos podem ser influenciados pelo sexo, pela idade, pelos meios de comunicação e pela relação existente entre os processos cognitivos e o corpo, tais como crenças, valores e comportamentos pertencentes à cultura. Não obstante, a expressão “imagem corporal” engloba um desenho criado pela mente no qual se evidenciam o tamanho, o conceito e a forma do corpo, todos eles subsidiados pelos sentimentos.

Cabe salientar que a imagem corporal tem a possibilidade de ser modificada durante todas as fases da vida. No entanto, é na adolescência que esse processo se dá de modo estruturante, pois dará ao sujeito novas características para se relacionar com o mundo, visto que se despedem do corpo infantil (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011). Este processo de modificações do corpo na adolescência pode causar um estranhamento para o sujeito que a vivencia, possibilitando o surgimento de insatisfação e sentimentos de estranhamento.

A partir dos relatos feitos pelos adolescentes foi possível perceber que os desejos de mudança expressos por eles estão atrelados ao padrão de beleza hegemônico na sociedade, que impõe como modelo pessoas de alta estatura, magras, com seios grandes, cabelos lisos, pele livre de manchas e espinhas. Desse modo, a fim de compreender se os participantes tinham esta percepção foram questionados se eles acreditavam que os padrões de beleza influenciam na percepção que eles tinham de si e surgiram respostas como: “*Sim, indiretamente.*”, “*Sim, porque é um padrão, se todo mundo usa vans é porque vans é bonito.*”, “*Sim, você aprende o que é feio.*”, “*As pessoas gostam de loira de olho azul, então as pessoas que não são assim se culpam.*”.

Nesse sentido, Frois, Moreira e Stengel (2011) citam que na adolescência enquanto ocorrem as mudanças fisiológicas os adolescentes tentam reorganizar a sua imagem corporal procurando novos modelos de corpos, roupas e acessórios que estão impostos geralmente na cultura e na sociedade em que vivem. Martins, Nunes e Noronha (2008) afirmam que a imagem corporal do sujeito vai sendo construída e reconstruída ao longo da vida. Sendo assim, os modelos impostos na sociedade podem passar a impactar no processo de subjetivação, pois fornecem referências para esses sujeitos, exibindo um corpo, que muitas vezes é difícil de ser atingido (MARTINS; NUNES; NORONHA, 2008). Os sujeitos que não têm as mesmas atribuições físicas de referência podem experimentar uma avaliação negativa da sua própria aparência (LEMES *et al* 2016).

Bruin, Oudejans e Bakker (2007, *apud* LEMES *et al*, 2016, p. 4290) destacam ainda sobre os adolescentes:

Os que não possuem os biótipos prescritos socialmente como adequados se preocupam excessivamente com a aparência física e manifestam insatisfação com a imagem corporal. Ainda que o sexo seja um fator importante no que tange à insatisfação com a imagem corporal, é preciso considerar que tanto meninas quanto meninos apresentam dificuldades com o tema no período da adolescência.

Em contrapartida a satisfação do sujeito com a sua imagem corporal permite ao mesmo se sentir aceito independentemente de suas características irem ao encontro do que se

estipula como padrão, proporcionando sentimentos de felicidade. Desse modo, McCabe e Ricciardelli (2004, *apud* CIAMPO; CIAMPO, 2010, p. 56):

A satisfação corporal traduz-se como o componente afetivo da imagem corporal que permite o adequado desempenho emocional e social do indivíduo perante a sociedade. Satisfação corporal e autopercepção são fatores primordiais na autoaceitação das pessoas e podem gerar atitudes que interferem no seu convívio social. Por outro lado, insatisfação com o corpo acarreta sentimentos e pensamentos negativos quanto à aparência, influenciando o bem-estar emocional e a qualidade de vida.

Desse modo, surge uma preocupação referente à insatisfação com a imagem corporal na adolescência, pois a mesma tem sido associada à baixa autoestima, sintomas depressivos, desenvolvimento de transtornos alimentares e de forma mais grave apontada como um fator de risco para o suicídio nesse período da vida (FERNANDES *et al* 2017). Além disso, conforme Bernardes (2015, p. 38), “entendemos o homem como um ser social que é constituído pela sociedade e que também o constitui”, sendo assim, surge uma preocupação com os adolescentes, uma vez que a constituição da subjetividade dos mesmos é atravessada por um padrão de beleza que impõe ideais quase inatingíveis.

3.3 Os Aspectos da Subjetividade de Adolescentes Impactados pelos Padrões de Beleza

Durante a coleta de dados foi possível perceber que os participantes acreditam que os padrões de beleza passam a impactar a constituição da subjetividade e, muitas vezes, de forma negativa, podendo gerar sofrimento físico e psíquico. Ao realizarem a construção de um cartaz informativo sobre os efeitos dos padrões de beleza *Lubah* se ofereceu para escrever o título, pegou uma caneta na cor preta e falou: “*Vou escrever o título em preto, porque os efeitos são ruins*”. Além disso, os participantes também excluíram todas as imagens de pessoas que estavam felizes antes de iniciar a atividade e o argumento que uma participante utilizou para justificar esta escolha foi: “*As imagens de pessoas felizes não entram nesse cartaz, pois devem estar felizes por estarem no padrão, os efeitos são ruins, são para as pessoas que não estão no padrão.*”. Em outra ocasião Tokyo suspirou e desabafou em meio ao grupo: “*É... A beleza dói*”, sendo que posteriormente contou que sua mãe falava isso a ela quando a mesma sentia desconforto ao pentear o cabelo.

De acordo com Dantas (2011) desde a metade do séc. XX a sociedade impõe aos sujeitos que os cuidados e a dedicação com o corpo devem ser um dever irrefragável, pois um corpo bem cuidado poderá proporcionar ao sujeito sentimentos de felicidade e bem estar, em

contrapartida a ausência de cuidado e a falta de investimento no corpo proporciona sentimentos opostos. Dantas (2011, p. 902) salienta:

Somos afetados pela difusão de informações de que podemos e devemos encontrar as mais recentes soluções para todos os males do corpo, vendidas facilmente nas drogarias ou parceladas em infinitas prestações de uma cirurgia estética. Os discursos sobre a saúde e a estética parecem indissociáveis e convergem para o mesmo imperativo: o cuidado com o corpo. Tal cuidado vem se tornando demasiado, quase uma obrigação diária, gerando por vezes sentimento de culpa naqueles que não podem realizá-lo. Em nosso dia-a-dia surgem obrigações com o corpo quase religiosas, rituais que devem ser seguidos a todo custo em prol de um melhor resultado. Os cuidados com o corpo e a intensificação das sensações corporais se mostram como questões centrais da vida cotidiana.

Além disso, a cada encontro foi possível perceber que a família, os amigos, os locais que os participantes frequentam e os programas midiáticos que assistem passam a impactar a percepção dos mesmos em relação à sua imagem corporal. Para esclarecer esta afirmação cabe descrever os discursos de alguns participantes. Dani expôs que perdeu a vontade de frequentar a Igreja, pois se sentia mal com os olhares direcionados a ela depois que raspou o seu cabelo, mencionou que em Brasília – cidade natal de seu pai - as pessoas são extremamente preconceituosas e há poucas meninas que raspam o cabelo, pois ficam taxadas como “*Maria Macho*” (Dani). A mesma também mencionou que quando era mais nova usou aparelho nos dentes, pois a sua irmã falava que seu sorriso era feio. Tokyo relatou que aos dez anos realizou uma cirurgia estética nos olhos por influência da família e que até os dias de hoje sente vontade de refazê-la pois durante o procedimento houve intercorrências que prejudicaram o resultado da cirurgia.

Durante um dos encontros foram feitos comentários sobre um grupo musical coreano, os participantes falaram que estes cantores viraram ídolos dos adolescentes e tem sido uma forte influência para os mesmos por serem pessoas extremamente magras e que passam por diversas cirurgias estéticas, bem como a cirurgia V-line que visa remodelar o queixo e o osso da mandíbula. Estes dados corroboram com as colocações de Silva Taquette e Coutinho (2014) quando mencionam que a forte influência sociocultural, bem como, expor figuras idealizadas através da mídia, dietas de familiares, ofensas pessoais em relação a atributos físicos que não vão ao encontro do padrão de beleza normativo são fatores de risco para o desenvolvimento da insatisfação corporal fazendo com que o adolescente adote diversas posturas para se aproximar desse padrão.

Os adolescentes apontaram que o atual padrão de beleza proporciona aos sujeitos sentimentos de tristeza raiva, culpa, exaustão e solidão. Nesse sentido Branco, Hilário e

Noronha (2006) discorreram que em relação ao peso é cada vez mais enfatizada a magreza como um padrão ideal para obter sucesso e aceitação, sendo assim, os adolescentes que não se enquadram nesse modelo podem passar a experimentar sentimentos diversos, assim como raiva, angústia e culpa em relação ao próprio corpo. O sentimento de culpa pode ser proveniente da obrigação imposta pela sociedade de obter um corpo belo, uma vez que atualmente são fornecidos diversos auxílios para alterar as características físicas do sujeito, incluindo, as cirurgias plásticas, salões de beleza, academia e dietas (LOPES; MENDONÇA, 2016).

Sobre estes aspectos, Campagna e Souza (2006, p. 32) afirmam que:

[...] cada época tem seus padrões de beleza, mas talvez eles nunca tenham sido tão rígidos quanto agora, promovendo enorme distância entre o corpo idealizado e o corpo vivido, empobrecendo os sujeitos psicologicamente. Junto a isso, há a solidão e a dificuldade de compartilhar essas experiências com os outros

Os transtornos alimentares (TA) também foram apontados nas discussões. Quando os participantes foram indagados sobre os efeitos dos padrões de beleza as primeiras palavras mencionadas foram anorexia e bulimia. A bulimia nervosa (BN) é descrita por Cordás e Claudino (2002, p. 5) como:

[...] ingestão compulsiva e rápida de grande quantidade de alimento, com pouco ou nenhum prazer, alternada com comportamento dirigido para evitar o ganho de peso (como vomitar, abusar de laxantes e diuréticos ou períodos de restrição alimentar severa) e medo mórbido de engordar.

Enquanto isso, a Anorexia Nervosa (AN) é descrita por Ribeiro e Oliveira (2011, p. 65) como caracterizado “por perda de peso, magreza com autoimagem distorcida (enxergam-se gordas) e presença de preocupação excessiva em não engordar [...]”. Os mesmos autores apontam que é cada vez mais comum os adolescentes utilizarem procedimentos não saudáveis para a manutenção do peso e diversos fatores podem influenciar no desenvolvimento dos transtornos alimentares, sendo alguns deles, a valorização da magreza, a exposição da mídia uma vez que cultua corpos de modelos e atrizes muito magras e a cobrança da sociedade para que se tenha um corpo magro.

Em contrapartida a literatura indicou que há também o desejo de obter um corpo forte e musculoso. Este foi mencionado por um participante enquanto colava a imagem de um homem com músculos torneados: “*Eu queria ser igual a ele*”; após essa fala o participante escreveu na imagem a palavra: “bomba”, se referindo ao uso de anabolizantes. Fontes, Borelli e Casotti (2012) em seus estudos verificaram que para um homem ser considerado belo este

necessita ter um corpo musculoso e rígido, sendo que estas características são capazes de transmitir uma imagem de segurança, juventude, sucesso, status e dinheiro. Ao mesmo tempo, diante deste cenário se torna válido discutir sobre o uso de anabolizantes, uma vez que este em algumas vezes é utilizado como uma alternativa para atingir um corpo forte e musculoso mais rapidamente (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2016). Os mesmos autores alertam para as consequências do uso indiscriminado destes produtos pois podem comprometer a saúde mental dos sujeitos, bem como, provocando variações extremas de humor, suicídios, homicídios, sintomas depressivos, quadros psiquiátricos, alteração na libido, risco de apresentar dependência e síndrome de abstinência.

Outro fenômeno apontado pelos adolescentes foi a exclusão social. Os mesmos apontaram que em algumas vezes quando uma pessoa possui características que não vão ao encontro do padrão de beleza vigente podem passar a ser excluídas de determinados grupos, além do mais, em algumas frases escritas pelos participantes foi possível identificar aspectos que remetem a exclusão social sendo elas: “*Ninguém vai te amar se você não for atraente.*” e, “*Coloque a sua maquiagem, faça as suas unhas, enrole o cabelo, continue magra para que eles gostem de você*”. Sobre estes elementos Martins; Nunes e Noronha (2008) discutem que o sujeito pode passar a acreditar que para ser aceito socialmente é necessário que esteja de acordo com o padrão de beleza. Paralelamente, Lopes e Mendonça (2016) citam que estes padrões podem passar a impactar as relações sociais, uma vez que possibilitam qualificar, ordenar e excluir os sujeitos que não se encaixam no padrão vigente.

Uma participante também fez uma relação entre a automutilação, a insatisfação corporal e conseqüentemente a imposição dos padrões de beleza. A mesma relatou que na escola existem pessoas que se cortam e ela acredita que o motivo seja por estarem insatisfeitas com seus corpos; ainda ressaltou que acha que a escola deveria se implicar e promover palestras sobre questões relacionadas aos padrões de beleza e como este tem afetado os adolescentes. A automutilação é definida por Cedaro e Nascimento (2013 p. 205) como “[...] ato de se machucar intencionalmente, de forma superficial, moderada ou profunda, sem intenção suicida consciente.” No período da adolescência alguns comportamentos, sentimentos e expressões destes sujeitos podem ser ignorados, dando lugar de invisibilidade para este grupo, dessa forma, em alguns casos a automutilação pode servir como uma forma de aliviar esse sofrimento e ao mesmo tempo torná-lo visível (BERNARDES, 2015).

De acordo com Bernardes (2015, p. 35):

O comportamento de automutilação vai para além do lugar da (in)visibilidade. Ao se automutilar, o adolescente torna visível sua dor. Ela, então, está marcada em seu corpo. Podemos supor que o comportamento de automutilação é uma tentativa de sair de um lugar de invisibilidade para a visibilidade do corpo.

Diante disso, parece fundamental prestar escuta e observar além do que é dito por esses sujeitos nessa fase da vida, pois assim torna-se possível dar visibilidade para essa população e conseqüentemente contribuir para a expressão dos seus sentimentos e o alívio dos seus sofrimentos. Em relação ao contexto escolar, a Psicologia pode ser uma aliada para contribuir em diversas temáticas, principalmente no que diz respeito à imagem corporal, os efeitos dos padrões de beleza e as questões que permeiam a adolescência, ou seja, neste cenário, o profissional psicólogo pode proporcionar reflexões sobre o tema e mediar às relações sendo um agente de mudanças nesse ambiente (ANDALÓ, 1984).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos no presente estudo permitiram compreender os efeitos dos padrões de beleza hegemônicos na subjetividade de adolescentes a partir da percepção dos mesmos. Para isso, se fez necessário descrever os padrões de beleza hegemônicos na percepção dos participantes, identificar a relação entre a imagem corporal e os padrões de beleza, além de verificar aspectos da subjetividade que são impactados pelos padrões de beleza hegemônicos na percepção dos participantes.

Assim sendo, a partir das atividades e discussões foi possível identificar que os adolescentes acreditam que há um padrão de beleza hegemônico na sociedade em que vivem, além do mais, conseguiram descrever de que forma esse padrão se configura, sendo ele composto por pessoas jovens, de olhos claros, cabelos loiros e lisos, alta estatura, de pele branca, com corpos fortes e baixo índice de gordura corporal, a pele deve ser livre de manchas, linhas de expressão, espinhas, estrias e celulites. Em compensação indicaram que as características físicas que não vão ao encontro desse padrão são os cabelos encaracolados, a pele negra, pessoas acima do peso, de baixa estatura, carecas, e idosas. A partir dessas colocações nota-se que os participantes descrevem um modelo eurocêntrico, tendo em vista que os atributos físicos mencionados por eles são estereótipos europeus de beleza.

Os resultados da pesquisa também puderam mostrar que os padrões de beleza tem afetado os sujeitos de forma negativa, fazendo com que os mesmos passem a experimentar

sentimentos de raiva, solidão, culpa, tristeza, exaustão e baixa autoestima. Estes sentimentos em muitas vezes podem aparecer. Na medida e que não conseguem atingir determinado padrão, sendo assim podem passar a adotar procedimentos não saudáveis para atingi-los, como por exemplo, tomando laxantes, diuréticos e remédios para emagrecer, utilizando anabolizantes para tonificar o corpo, se submetendo a cirurgias plásticas, realizando dietas drásticas e podendo inclusive desenvolver transtornos alimentares.

Outro dado importante que apareceu durante a coleta dos dados foi em relação a exclusão social. Os participantes relataram que os sujeitos que estão fora do padrão muitas vezes podem sofrer ofensas pessoais e serem excluídos de grupos tanto nas escolas quanto em outros contextos. Alguns participantes relataram que já desejaram mudar suas características físicas por influência de colegas e familiares, sendo que uma delas realizou um procedimento cirúrgico nos olhos quando tinha dez anos de idade por influência da mãe, outra participante mencionou ter feito uso de aparelho ortodôntico pois sua irmã falava que seu sorriso era feio.

Durante as oficinas os participantes foram participativos nas atividades em que discutiam os padrões de beleza e os impactos dos mesmos na vida das pessoas, no entanto, foi possível perceber certa dificuldade para sensibilizarem-se com essa temática quando era relacionada a eles mesmos, como por exemplo, nas atividades em que se falava sobre a imagem corporal deles e a influência que o atual padrão de beleza exerce sobre ela. Posto isso, foi necessário buscar junto a eles outras formas de expressão para aproximá-los dessas questões além das rodas de conversa, bem como realizando atividades de escrita e discussões sobre letras de músicas que mencionavam a forma como os padrões de beleza tem impactado as pessoas e as suas relações.

Obteve-se pouco conteúdo em relação aos participantes e sua imagem corporal tendo em vista a dificuldade de trabalhar esta questão com os mesmos, no entanto, timidamente alguns deles relataram não gostar de determinados atributos físicos em seus corpos, além disso, expressaram um desejo de modificá-los. Foi possível fazer uma relação entres esses desejos e o modelo de beleza atual uma vez que alguns participantes desejavam ser mais altos, fazer cirurgia no nariz para afiná-lo, colocar silicone, emagrecer, ter um corpo musculoso, alisar o cabelo e ter a pele livre de espinhas.

Os dados coletados no presente estudo foram ao encontro do que diz a literatura em relação aos efeitos dos padrões de beleza em adolescentes. Assim sendo, cabe pensar na importância de debater essa temática na adolescência, inclusive, a dificuldade que os participantes da pesquisa tiveram para expressar questões relacionadas à sua imagem corporal

reforça essa importância. Sendo assim, considera-se que a Psicologia pode contribuir nos contextos escolares mediando os adolescentes nessa fase da vida em que precisam lidar com uma série de mudanças e questões, podendo o profissional psicólogo minimizar os sofrimentos gerados por essas transformações.

Por fim, os resultados da pesquisa demonstraram que os padrões de beleza têm se modificado ao longo dos anos e tem disseminado padrões quase inatingíveis de se alcançar para a maioria da população, pois os sujeitos apresentam características físicas distintas das que são impostas como padrão. Além disso, por meio das oficinas realizadas com os adolescentes foi possível compreender o quanto os padrões de beleza tem impactado adolescentes e gerado sofrimento nessa população, dessa forma, a presente pesquisa possibilita demonstrar que essa demanda está presente nas escolas e pode contribuir para futuros projetos a serem executados nos ambientes escolares.

REFERÊNCIAS

Amaral, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação** / Vera Lúcia do Amaral. - Natal, RN: EDUFRN, 2007. 208 p.: il.

ANDALO, Carmem Silvia de Arruda. **O papel do psicólogo escolar**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 43-46, 1984. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 Nov. 2019.

AZEVEDO, Bruno Mariani de Souza; CARVALHO, Sérgio Resende. **O diário de campo como ferramenta e dispositivo para o ensino, a gestão e a pesquisa**. In: CARVALHO, Sérgio Resende; BARROS, Maria Elizabeth; FERIGATO, Sabrina (Orgs.). *Conexões: saúde coletiva e políticas da subjetividade*. 1ed. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 204-219.

BARDIN, L.(2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. **Sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. *Psicol Soc. Florianópolis*, v. 23, n. 1, p. 24 a 34 de abril de 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 de mai. 2019.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**,

Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 4 Mai. 2019.

BERNARDES, Suela Maiara. **Tornar-se (in) visível: um estudo na rede de atenção psicossocial de adolescentes que se automutilam**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Saúde - Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Florianópolis, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135810>. Acesso em 20 out. 2019

BITTENCOURT, Liliane de Jesus. **PADRÕES DE BELEZA E TRANSTORNOS DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR EM MULHERES NEGRAS DE SALVADOR / BAHIA**. 2013. 202 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13187/1/Tese%20Liliane%20Bittencourt.%202013.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2019.

BRANCO, Lucia Maria; HILARIO, Maria Odete Esteves; CINTRA, Isa de Pádua. **Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional**. Rev. psiquiatr. clín., São Paulo, v. 33, n. 6, p. 292-296, 2006. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000600001&lng=en&nrm=iso. Acesso em 8 Mai. 2019.

CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes. **Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina**. Bol. psicol, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 9-35, jun. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 mai. 2019.

CIAMPO LAD, CIAMPO IRLD. **Adolescência e imagem corporal**. AdolescSaude. 2010;7(4):55-59

CEDARO, José Juliano; NASCIMENTO, Josiana Paula Gomes do. **Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações**. Psicol. USP, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 203-223, ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642013000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 22 out. 2019.

CORDAS, Táki Athanássios; CLAUDINO, Angélica de Medeiros. **Transtornos alimentares: fundamentos históricos**. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo, v. 24, supl. 3, p. 03-06, dic. 2002 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000700002&lng=es&nrm=iso. Acesso em 14 out. 2019

DANTAS, Jurema Barros. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade.** Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, dez. 011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 mai. 2019.

FERREIRA M, NELAS P. **Adolescências... Adolescentes.** Revista de ISPV, Educação, Ciência e Tecnologia. 2006; 32:141-62.

FONTES, Olivia de Almeida; BORELLI, Fernanda Chagas; CASOTTI, Leticia Moreira. **Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza.** REAd. Rev. eletrôn. adm. (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 400-432, ago. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-23112012000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 mai. 2019

FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro de et al. **O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC.** Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.), São Paulo, v. 24, n. 3, p. 389-404, Sept. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092010000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 mai. 2019.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção.** Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 dez. 2019.

GOLDENBERG, M. (2006). **O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira.** *Arquivos em movimento*, 2, 115-123.

LEMES, Daniela Carolina Molina et al . **Satisfação com a imagem corporal e bem-estar subjetivo entre adolescentes escolares do ensino fundamental da rede pública estadual de Canoas/RS, Brasil.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, n. 12, p. 4289-4298, Dec. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018001204289&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 mai. 2019.

LOPES, Amliz Ferreira; MENDONÇA, Érika de Sousa. **Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea.** Rev. Subj., Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 20-33, ago. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 mai. 2019.

MARTINS, Denise da Fonseca; NUNES, Maiana Farias Oliveira; NORONHA, Ana Paula Porto. **Satisfação com a imagem corporal e autoconceito em adolescentes.** *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 94-105, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000200008&lng=pt&nrm=iso: Acesso em 3 mai. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOTTA, A. M. LEONEL, V. **Ciência e Pesquisa: livro didático.** 2 ed. Palhoça: UnisulVirtual, 2007.

RAMOS, Anne Carolina. **O Corpo Bagulho: ser velho na perspectiva das crianças.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 34, n. 2, p. 239-260, 2009.

RENTZ-FERNANDES, Aline R. et al. **Autoestima, imagem corporal e depressão de adolescentes em diferentes estados nutricionais.** *Rev. salud pública*, Bogotá, v. 19, n. 1, p. 66-72, Feb. 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-00642017000100066&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 Mai. 2019.

RIBEIRO, P. C., OLIVEIRA, P. B. **Culto ao corpo: Beleza ou doença?** *Adolescência & Saúde*, 8(3), 63-69, 2011.

SILVA, Maria Lúcia de Abreu; TAQUETTE, Stella Regina; COUTINHO, Evandro Silva Freire. **Sentidos da imagem corporal de adolescentes no ensino fundamental.** *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 438-444, junho de 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102014000300438&lng=en&nrm=iso. Acesso em 09 Mai. 2019

SOVIK, L. (2004). **Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil.** In V. Ware (Org.), *Branquidade, identidade branca e multiculturalismo* (V. Ribeiro, trad., pp. 363-386.). Rio de Janeiro: Garamond.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. **Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas.** *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 de Mai. 2019.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Produção e consumo social da beleza.** *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 189-220, dezembro de 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Out. 2019

TRINCA, T. P. **O corpo-imagem na “cultura do consumo”:** Uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2008.

VILHENA, Junia de; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. **A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade.** *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 109-144, mar. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 jun. 2019. Acesso em 11 mai. 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro, Rocco 1992 [1991].